



<https://doi.org/10.36592/opiniaofilosofica.v14.1142>

Trabalhos Recentes Sobre O Desafio da Ausência de Experiência Intuicional¹

Recent Works on Absent Intuitional Experience Challenge

Vilson Vinícius dos Santos Rodrigues²

Resumo

Alguns filósofos alegam que intuições são experiências não sensórias (BENGSON, 2015; CHUDNOFF, 2011, 2013; KOKSVIK, 2020). Há algo como sentir uma intuição e isso é particular e único a esse estado mental. No entanto, alguns questionam essa experiência a partir da perspectiva de primeira pessoa: eles alegam não ter nenhuma experiência do tipo. Como resolver isso? John Bengson, Elijah Chudnoff e Ole Koksvik alegam que esses que afirmam não terem a experiência intuicional estão a procurando de maneira errada no seu fluxo de consciência. Bengson diz que não devemos confiar apenas na nossa introspecção, mas sim vermos o que nos “atinge” ao sermos apresentados com certas situações. Chudnoff diz que as intuições são experiências constituídas de outras experiências, então não se deve esperar que as intuições venham sem nenhuma outra experiência. Koksvik diz que as intuições possuem apenas a fenomenologia de atitude específica, mas não fenomenologia de conteúdo específico. Isto é, não há uma distinção fenomenológica entre intuir que p e intuir que q. O objetivo aqui não é fornecer uma resposta definitiva a essa questão, mas fornecer um apanhado crítico das respostas dadas na literatura sobre esse desafio.

Palavras-chave: Intuição. Desafio da Ausência de Experiência Intuicional. Fenomenalismo. Fenomenologia Cognitiva. Epistemologia.

Abstract

Some philosophers claim that intuitions are non-sensory experiences (BENGSON, 2015; CHUDNOFF, 2011, 2013; KOKSVIK, 2020). There is something like feeling an intuition and it's particular and unique to this mental state. However, some question this experience from the first-person perspective: they claim to have none of this kind of experience. How to solve this? John Bengson, Elijah Chudnoff, and

¹ Agradeço aos pareceristas anônimos pelas sugestões.

² Doutorando em Filosofia na UFRGS. Bolsista CAPES.

E-mail: v_rodrigues22@hotmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3791-0182>

Ole Koks vik claim that these people who affirm to not have an intuitional experience are searching it in the wrong way in their flux of consciousness. Bengson says that we shouldn't just trust our introspection, but see what "strike us" when we are presented to certain situations. Chudnoff says that intuitions are experiences constituted by another experiences, then we shouldn't expect to have intuitions without any other experience. Koks vik says that intuitions possess an attitude-specific phenomenology, but not content-specific phenomenology. That is, there is no phenomenological distinction between intuiting that p and intuiting that q. The aim here is not to give a definitive answer to this question, but to do a critical survey of the answers given in the literature about this challenge.

Keywords: Intuition. Absent Intuitional Experience Challenge. Phenomenalism. Cognitive Phenomenology. Epistemology.

Introdução

Nós temos diversas experiências ao longo da nossa vida. A experiência de ver algo vermelho, de tocar em algo áspero, de ouvir uma música, de se sentir irritado e, de maneira um pouco controversa, de *intuir* que é moralmente incorreto torturar pessoas por diversão. Pode-se minimamente dizer que intuir que p é simplesmente parecer intelectualmente que p. Uma vez que uma pessoa tem uma experiência intelectual de que uma proposição parece verdadeira ou falsa, então essa pessoa tem uma intuição de que uma proposição é verdadeira ou falsa. Quais são as controvérsias aqui? Diversos filósofos alegam que o uso de intuições é a metodologia caracteristicamente filosófica (GOLDMAN, 2007; JENKINS, 2014). Porém, tem havido um ceticismo sobre o uso dessas intuições na filosofia (WEINBERG et. al., 2001, WEINBERG, 2007; MACHERY, 2017). Alguns filósofos, no entanto, dizem que essa visão da metodologia filosófica é equivocada. Os filósofos não usam intuições como evidência para as suas teorias (CAPPELEN, 2012; DEUTSCH, 2015). Todavia, não é nenhuma dessas controvérsias que abordo aqui. Como eu disse, a intuição é uma experiência (pelo menos conforme alguns filósofos). Porém, alguns filósofos têm alegado não ter essa experiência que os filósofos dizem existir. Como responder a esses filósofos que alegam ter ausência de experiência intuicional? Esse é o desafio chamado de *Desafio da Ausência de Experiência Intuicional* que ocupa este artigo. Elijah Chudnoff (2011, 2013), John Bengson (2015) e Ole Koks vik (2020) identificaram esse desafio e o responderam. A resposta de Bengson (2015) de que apenas introspecção não é suficiente, a resposta constitutiva de Chudnoff

(2011, 2013) de que as intuições são constituídas de outras experiências e a resposta da ausência de fenomenologia de conteúdo específico de Koksvik (2020). Exploro cada uma delas neste artigo.

Na primeira seção clareio o que se quer dizer por intuições e mostro um pouco do debate sobre essa fonte. Na segunda seção mostro a teoria fenomenalista das intuições. Essa teoria é especialmente afetada pelo desafio da ausência de experiência intuicional, porque os fenomenalistas alegam que as intuições são uma experiência não sensória, isto é, uma experiência única e não redutível a outras experiências. Na terceira seção explico em mais detalhes o que é esse desafio. Na quarta e última seção faço um apanhado (acredito que exaustivo) crítico das respostas ao desafio.

1 Intuição

É moralmente errado torturar pessoas por diversão, $2 + 2 = 4$, nenhum objeto é todo vermelho e todo verde, o protagonista em um cenário Gettier não tem conhecimento. Quando você considera essas proposições, elas lhe *parecem* de uma certa maneira. Você entra em um estado mental o qual faz com que essas proposições lhe *pareçam* de uma certa maneira, a saber, verdadeiras. Essas intuições ocorrem em diversas áreas da filosofia: ética, epistemologia, filosofia da linguagem, filosofia da mente. Mas não só na filosofia, também na matemática como proposições do tipo $2 + 2 = 4$. Como foi dito, ao considerar as proposições acima (nenhum objeto é todo vermelho e todo verde, por exemplo) elas lhe *parecem* verdadeiras. Esse *parecer* é o que será chamado de intuição. Em relação às três primeiras proposições escritas acima, parece claro que são casos em que uma vez que uma pessoa as considera atentamente, essas proposições parecerão ao sujeito como sendo verdadeiras – claro, excluindo casos anormais, talvez um psicopata não tenha a primeira intuição moral. Uma dúvida pode surgir com relação à quarta proposição sobre atribuição de conhecimento. Não está claro que um sujeito ao considerar atentamente a proposição “o protagonista em um cenário Gettier não tem conhecimento” ele terá a intuição de que isso é verdade, ou talvez de sequer ter intuição alguma. Ademais, essa proposição nem era conhecida antes de 1963. Edmund Gettier *argumentou* através dos seus dois experimentos de pensamento

contra a então vigente teoria do conhecimento como crença verdadeira justificada. Se essa proposição é tão intuitiva assim, já era para ser conhecida há muito mais tempo, não? Essa é uma concepção comum equivocada de que as intuições precisam ser rápidas e fáceis. Mas esse não é o caso, pode-se ter intuições que foram ganhas a partir de esforço (BENGSON, 2015; CHUDNOFF, 2013, 2019, 2020; KOKSVIK, 2013). Uma pessoa para ter a intuição de que o protagonista em um cenário Gettier não tem conhecimento precisará considerar os famosos casos Gettier, lê-los atentamente, talvez conversar com outras pessoas (um epistemólogo, quem sabe) para entender o ponto³. Depois disso, é muito provável que ela tenha a intuição de que o protagonista em um cenário Gettier não tem conhecimento. Outra maneira de ilustrar intuições ganhas por esforço são as provas dos teoremas em matemática. Essas provas matemáticas não são fáceis de obter, comparadas com as proposições do tipo $2 + 2 = 4$. Para haver uma intuição, basta que a proposição *pareça* ao indivíduo de uma certa maneira, independentemente de se há esforço ou não.

Foi igualada a noção de intuição com a noção de parecer, mas isso não parece dizer muito. Apenas fornecer uma descrição mínima do que é uma intuição. Ainda resta responder qual é a sua natureza e por que ela é capaz de fornecer justificção.

Existem diferentes posições sobre o que são as intuições. Se elas são crenças, disposição de crenças ou como sendo uma atitude proposicional própria, isto é, como sendo um estado *sui generis*. David Lewis (1983, p. x) é um dos filósofos que entendem as intuições como sendo meras crenças. Ernest Sosa (1998, 2006, 2007), Timothy Williamson (2007), Joshua Earlenbaugh (2009) e Bernard Molyneux (2009) são os principais defensores da posição de que as intuições são disposições para crer. A posição *sui generis* está em maior número: George Bealer (1992, 1998), Michael Huemer (2001, 2005), Elijah Chudnoff (2011, 2013), John Bengson (2015), Ole Koksvik (2020), Carrie Jenkins (2014). Esses filósofos defendem que as intuições são um estado *sui generis* próprio e não redutível a algum outro estado mental.

Existem também diferentes posições de por que as intuições são fonte de justificção, mas agrupo elas em duas grandes posições. Por um lado, tem os defensores de que as intuições são fonte de justificção em virtude da sua

³ Eu me acuso aqui! Nas primeiras vezes que eu entrei em contato com os casos Gettier, eu não entendi exatamente qual era o ponto dele.

fenomenologia (Chudnoff, Bengson e Koksvik). Por outro lado, tem os defensores de que as intuições são fonte de justificação em virtude de competência conceitual ou entendimento (Bealer, Sosa, Jenkins). Deixo os segundos de lado e foco nos primeiros.

2 Teoria Fenomenalista das Intuições

Os filósofos em foco neste artigo são Elijah Chudnoff, John Bengson e Ole Koksvik, uma vez que são eles que abordam o desafio da ausência de experiência intuicional. Nesta seção, descrevo como eles entendem o que são intuições e por que elas seriam fonte de justificação. As intuições para esses três filósofos são estados ou eventos mentais conscientes e episódicos os quais fazem o sujeito (i) ter uma experiência de que o mundo é de uma certa maneira e (ii) que essa experiência faz com o que o sujeito esteja justificado em acreditar nelas. Ou seja, as intuições têm um caráter fenomenal e isso é importante tanto para a sua natureza quanto para ser fonte de justificação. Chamo esses filósofos de fenomenalistas (como Miguel Egler (2022) os chama).

Quais são as propostas dos fenomenalistas sobre intuições? Bengson (2015), Chudnoff (2013) e Koksvik (2011, 2020) defendem uma analogia com a percepção. Assim como há percepção sensória, há a percepção intelectual. Assim como há a experiência sensória, há a experiência intuicional. Qual seria a característica que torna parecida a intuição com a percepção? Aqui há uma divergência entre eles. Chudnoff e Bengson falam que essas fontes têm uma característica *apresentacional*, enquanto o Koksvik diz que essas fontes têm a característica da fenomenologia da atitude específica e que variam conforme outras duas fenomenologias: fenomenologia da objetividade e a fenomenologia do instigamento (*pushness*). Descrevo primeiro como Chudnoff e Bengson defendem essa analogia e como ter essa característica apresentacional explica a natureza das intuições⁴.

Focando no Bengson (2015) primeiro, ele diz que, quando você está diante de uma maçã vermelha, você não *meramente representa* o mundo como sendo de

⁴ Dado que a razão (para os fenomenalistas) para as intuições serem fonte de justificação é a sua própria natureza, então uma vez delineada a natureza das intuições, a justificação está dada. Também o porquê de as intuições serem fonte de justificação não é o importante aqui, mas sim quais são as respostas para aqueles que alegam ter ausência de experiência intuicional. Para entender esse desafio, precisa-se entender o que é a experiência de ter uma intuição.

uma certa maneira; mas o mundo é *apresentado* a você como sendo de uma certa maneira. Ou seja, *apresentações* apresentam o mundo para você de uma certa maneira. Ele diz (p. 708), “as apresentações [são] um estado ou evento consciente que, como a experiência perceptual, direta e imediatamente apresenta o mundo como sendo de uma certa maneira”⁵. Qual é a diferença entre algo ser *meramente representacional* e algo ser *apresentado*? Exemplos do primeiro estado são crenças, aceitações, memórias, etc. Você, por exemplo, acredita que p e, por isso, está representando o mundo como se p (ao acreditar que está chovendo e você representa o mundo como se estivesse chovendo, por exemplo). No segundo caso, há as experiências visuais, táteis, olfativas, proprioceptivas, intuicionais, etc. Ao ter a experiência de que há uma maçã vermelha diante de você, é claro, você representa o mundo de uma certa maneira. Porém, não é apenas isso que ocorre, segundo Bengson. Ao ver a maçã vermelha, o mundo se apresenta dessa forma para você.

Foi discutido um exemplo de apresentação perceptual (o caso da maçã vermelha), o que seria um exemplo de apresentação intuicional? Bengson (p. 711) fornece dois exemplos:

A Intuição Gettier

Quando ela lê o artigo de Gettier “É o Conhecimento Crença Verdadeira Justificada?”, a professora Típica considera se Smith sabe que o homem que vai ganhar um aumento tem dez moedas no seu bolso. Isso atinge [strikes] ela de maneira que Smith não sabe isso, mesmo que Smith esteja justificado em acreditar nisso.

Intuição de Ramanujan:

O prodígio matemático Ramanujan está indo visitar o seu mentor, o professor Hardy, em Londres. Ele aponta para o táxi e, quando o táxi para, ele percebe que o seu número é 1729. Isso causa um sorriso nele, pois ele imediatamente vê que esse número tem uma propriedade muito interessante, a saber, a propriedade de ser o menor número expresso como a soma de dois cubos positivos de duas maneiras diferentes.

Em ambos os casos, é apresentado aos indivíduos que o mundo é de uma certa maneira. No caso da professora Típica é apresentado intuicionalmente que embora Smith tenha crença verdadeira justificada, ele não tem conhecimento. No caso de Ramanujan, é apresentado intuicionalmente que o número 1729 tem a propriedade de ser o menor número expresso como a soma de dois cubos positivos

⁵ Todas as traduções foram realizadas por mim.

de duas maneiras diferentes. Esses dois casos fornecem a lição de que as intuições podem ser complexas e conseguidas a duras penas como a intuição de Ramanujan.

Esses tipos de experiências intuicionais (de que Smith não tem conhecimento apesar de ter crença verdadeira justificada) são como as experiências perceptuais (de que há uma maçã vermelha em minha frente) por serem apresentações. A essa analogia ele chamou de tese quasi-perceptualista (p. 13): “Intuições são como experiências perceptuais por serem apresentações”. Mas, o que são apresentações conforme Bengson? Ele foca em seis características gerais. Elas são sem base, graduais, fundamentalmente involuntárias, compõem assentimento ao conteúdo, racionalizam o assentimento e potencialmente não explícitas (p. 720-732).

As apresentações são sem base, porque elas não são formadas nem conscientemente e nem inconscientemente. Elas simplesmente *acontecem*. Diferente das crenças que são formadas consciente ou inconscientemente. Quando alguém tem a experiência visual de que há uma maçã vermelha em sua frente, essa experiência acontece ao indivíduo. O mesmo ocorre quando uma pessoa considera um caso Gettier como ilustrado acima: a experiência de que Smith não tem conhecimento, embora tenha crença verdadeira justificada acontece ao indivíduo.

As apresentações são graduais, porque a sua clareza e intensidade podem variar. A experiência perceptual pode ocorrer em ambientes não tão favoráveis e a apresentação pode ser menos clara. O mesmo ocorre com experiências intuicionais a depender do modo como algum caso seja descrito, a intuição pode ser mais ou menos clara.

As apresentações são fundamentalmente involuntárias, porque elas simplesmente acontecem e não podem ser modificadas como escolhas, hipóteses, crenças, palpites, etc. É estranho colocar crenças como podendo ser modificadas, uma vez que crenças são comumente tidas como involuntárias. Não é o caso que simplesmente eu possa mudar por vontade própria a minha crença de que a luz *não* está acesa quando ela de fato *está* acesa. Bengson não está defendendo nenhuma forma de voluntarismo doxástico. Ele diz que há *graus* de involuntariedade e as experiências (perceptuais e intuicionais) são *fundamentalmente* (isto é, no seu grau máximo) involuntárias. Bengson (p. 712) fornece um caso que ele chama de Fisicalista Fervoroso. O Fisicalista Fervoroso mesmo que ele tenha a intuição de zumbis filosóficos são possíveis, ele não forma a crença com base nessa intuição,

pois ele toma essas intuições como não sendo confiáveis. Ele continua acreditando no fisicalismo mesmo tendo a intuição contrária. Enquanto crenças são passíveis de serem modificadas conforme o sujeito avalia novas ou velhas evidências. Outro aspecto teoricamente interessante dessa involuntariedade das experiências é que como elas simplesmente acontecem aos indivíduos, os indivíduos não podem ser responsabilizados por ela enquanto hipóteses, palpites, crenças sim.

As apresentações compelem, porque elas inclinam ou dispõe um indivíduo a assentir aos conteúdos das apresentações. É importante notar que apresentações não são o mesmo que estados que compelem, pois o pensamento desejante [*wishful thinking*] também compele alguém a acreditar que p apesar de não serem apresentações. Bengson (p. 712-713) fornece o caso do Cientista Apaixonado em que apesar de ele acreditar na sua teoria, ele não tem mais a intuição de que a sua teoria está correta. Ele simplesmente deseja que a sua teoria seja verdadeira (mesmo que esse desejo seja subconsciente). A intuição Gettier compele um indivíduo a assentir ao conteúdo da proposição alvo (de que o protagonista tem crença verdadeira justificada apesar de não ter conhecimento).

As apresentações racionalizam (em um sentido psicológico) o assentimento, porque elas tornam a formação da crença correspondente racional ou adequada a partir da perspectiva da primeira pessoa. Isto é, as apresentações fazem com que a proposição em questão mereça ser acreditada. A proposição de que Smith não tem conhecimento, embora ele tenha crença verdadeira justificada, merece ser acreditada dado o seu caráter apresentacional.

As apresentações são potencialmente não explícitas, porque apesar de apresentações serem algo que um indivíduo tem, nem sempre será o caso de que esse indivíduo é capaz de articular aquilo que experiencia (seja no caso da percepção, seja no caso da intuição).

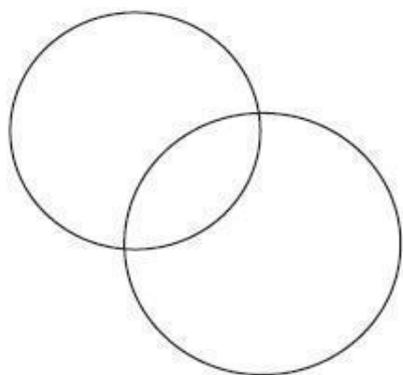
Dado que tanto a intuição quanto a percepção têm essas características, é justo tomá-las como sendo análogas em termos de serem apresentações.

Outra maneira de apresentar essa relação da experiência intuicional com a experiência perceptual é através do trabalho de Chudnoff (2013). Chudnoff (p. 58) diz que a experiência intuicional tem duas características: a apresentacionalidade e a constituição. A primeira significa que “todas as experiências intuicionais tem fenomenologia apresentacional com respeito a pelo menos parte dos seus

conteúdos” (ibid.). A segunda significa que “todas as experiências intuicionais são constituídas por outras experiências, por exemplo, pensamentos conscientes, imaginações, etc.” (ibid.). A apresentacionalidade é essa característica de algo se apresentar a você como sendo dessa forma. Ao ver uma maçã vermelha, o mundo se apresenta a você como sendo dessa forma. Mas Chudnoff fala um pouco mais da apresentacionalidade, ele diz (p. 37): “O que consiste em uma experiência sua ter fenomenologia apresentacional com respeito a p é ela tanto parecer para você que p e quanto parecer para você como se a experiência fizesse você ciente do *truth-maker* para p ”. Não só a apresentacionalidade tem essa característica de ao ver algo vermelho, o mundo se apresenta a você como sendo dessa forma. Mas também, uma vez que você tem essa experiência, ela lhe faz consciente do *truth-maker* dessa experiência. Para fornecer um exemplo intuicional, ele fornece dois exemplos da matemática. Chudnoff (p. 50) mostra que em um exemplo nós temos uma experiência intuicional, enquanto no outro exemplo nós não temos uma experiência intuicional.

1. Dois círculos podem ter no máximo dois pontos em comum (*ibid.*).
2. Se o quadrilátero é inscrito em um círculo, a soma dos produtos de dois pares de lados opostos é igual ao produto das diagonais (*ibid.*).

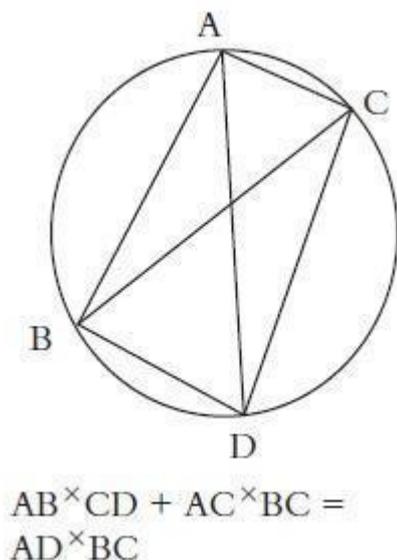
Talvez você não tenha tido a experiência intuicional no primeiro caso. Talvez não esteja claro para você que a primeira proposição sobre círculos seja verdadeira. Deixe-me ajudar. Dê uma olhada na figura 1⁶.



(Figura 1)

⁶ Figura de Chudnoff (*ibid.*).

Agora você consegue ver que dois círculos têm no máximo dois pontos comuns, certo? Isso está *apresentado* a você. Você está tendo essa *fenomenologia apresentacional* de que *dois círculos têm no máximo dois pontos comuns*, certo? Bom, agora suponho que uma figura (Figura 2⁷) da segunda proposição sobre círculos não vai ajudar – exceto se você tem alguma facilidade ou expertise em matemática.



(Figura 2)

Não ajudou, não é? Você até pode acreditar nessa segunda proposição sobre círculos (uma vez que um expert em matemática lhe testemunha isso, por exemplo), mas você não tem nenhuma experiência apresentacional com relação a ela. É isso que distingue ter uma experiência intuicional de não ter uma experiência intuicional.

A segunda característica das experiências intuicionais, a característica da constituição, é a alegação de que as intuições são constituídas de outras experiências. Isso também pode ser ilustrado com o exemplo da figura 1. Ao ter a experiência intuicional com a primeira proposição, você teve o conteúdo dela através da *imaginação*. Você *imaginou* os círculos indo de um lado para o outro e intuiu que, realmente, eles podem no máximo ter dois pontos em comum. Nesse caso, a sua experiência intuicional foi *constituída* pela *imaginação*.

⁷ Figura de Chudnoff (*ibid.*).

Ole Koksvisk (2020) tem uma maneira radicalmente diferente de descrever as intuições. Ele não gosta da noção de *apresentação* tão cara ao Bengson e Chudnoff (KOKSVIK, 2020, p. 78-81, 101-104.). Embora todos esses autores aceitem que as intuições são uma forma de experiência, Koksvisk não entende a experiência intuicional como envolvendo uma apresentação, mas sim como uma fenomenologia de atitude específica. Descrevo agora o que ele quer dizer com isso. Toda a explicação abaixo vem de seu livro *Intuition as Conscious Experience* (2020).

Há algo como ter uma experiência (*what it's like*) perceptiva ou intuitiva. Isto é, há um caráter fenomenal a elas. Pode-se distinguir entre o caráter global de uma experiência consciente e o caráter local de uma experiência consciente. O primeiro caso é sobre como é ser uma pessoa *em sua totalidade* que está na praia, sentindo a areia nos pés, o cheiro do mar e o gosto da caipirinha de morango; isto é, como é ser ela tendo essas várias experiências em conjunto. No segundo caso é sobre como é ser uma pessoa localmente que está experimentando uma caipirinha; isto é, como é ser ela tendo essa experiência específica. Koksvisk está interessado em como é ser uma pessoa tendo uma experiência local de intuição e percepção. Qual é o caráter fenomenal da intuição e da percepção.

O caráter fenomenal pode variar de duas formas: fenomenologia de atitude específica (*attitude-specific phenomenology*) e fenomenologia de conteúdo específico (*content-specific phenomenology*). Focando na percepção primeiro, mais especificamente, na visão, a fenomenologia de atitude específica é a seguinte: qualquer coisa que uma pessoa veja, fará uma contribuição para o caráter de sua experiência total. A visão tem essa *visualidade* em que se você ver um objeto vermelho, uma parede branca, fará uma contribuição para o caráter de sua experiência total. A fenomenologia de conteúdo específico, por sua vez, é a seguinte: você ver um objeto verde fará uma contribuição diferente para o caráter de sua experiência total do que ver um objeto vermelho. A visão tem uma riqueza fenomenológica em que uma diferença entre dois objetos fará uma contribuição diferente para o caráter de sua experiência total — claro, uma diferença visualmente perceptível. Em suma, a percepção possui fenomenologia de atitude específica e fenomenologia de conteúdo específico. A visão, dado a sua visualidade de que qualquer coisa vista fará uma contribuição para o caráter de sua experiência total, então ela tem fenomenologia de atitude específica. Dado que qualquer diferença

entre objetos visualmente perceptíveis farão contribuições diferentes para o caráter total de sua experiência, então a visão tem fenomenologia de conteúdo específico.

Como isso acontece para as intuições? Qual é o seu caráter fenomenal? Ela possui fenomenologia de atitude específica, isto é, qualquer coisa que uma pessoa intua, isso faz uma contribuição para o caráter de sua experiência total. A intuição tem essa *intuitividade* em que se você intui que $\langle p, \neg\neg p \rangle$, ou que é moralmente incorreto torturar pessoas por diversão, ou que objetos azuis são objetos coloridos, faz uma contribuição para o caráter de sua experiência total. No entanto, Koksvik argumenta que a intuição não possui fenomenologia de conteúdo específico. Essa parte será deixada para a seção quatro na resposta dele sobre o desafio da ausência de experiência intuicional⁸.

Falo um pouco mais sobre o que é a fenomenologia de atitude específica já que ela é mais relevante para analogia de Koksvik. Ele defende que a fenomenologia de atitude específica da intuição e da percepção tem duas características em comum: a fenomenologia da objetividade e a fenomenologia do instigamento.

A fenomenologia da objetividade é uma experiência em que o sujeito está representando fatos objetivos, isto é, fatos que são independentes do sujeito que percebe ou intui. Quando alguém percebe haver um copo em sua frente ou quando alguém intui que o protagonista em um cenário Gettier não tem conhecimento, essa pessoa tem a experiência de que isso é um fato independente dela. Diferente de quando alguém está meramente imaginando haver um copo em sua frente, por exemplo. No caso da intuição pode se contrastar com as nossas preferências. Como Koksvik diz (2020, p. 66), uma pessoa pode preferir um clima de outono ao clima de verão e reconhecer que isso é só uma preferência. Ou seja, não há uma fenomenologia da objetividade envolvida nessa preferência. A pessoa não captura nenhum fato objetivamente.

⁸ Porém, pode-se perguntar, mas a intuição e a percepção não são análogas? Se a intuição carece de fenomenologia conteúdo específico e a percepção tem fenomenologia de conteúdo específico, então no fim há uma fenomenologia importante que carece na analogia entre intuição e percepção. Koksvik (p. 62-63) alega que o importante para a analogia é a fenomenologia de atitude específica, pois é isso que faz com que elas sejam fonte de justificação. Se a fenomenologia de conteúdo específico tivesse a função de tornar a percepção e a intuição uma fonte de justificação, então teríamos de contar uma história justificativa diferente para cada intuição e percepção. Isto é, cada intuição e percepção teria uma razão diferente para estar justificada, o que é um absurdo, uma vez que estamos buscando uma história unificada de por que tais fontes são fontes de justificação.

A fenomenologia do instigamento é uma experiência em que o sujeito não está representando o conteúdo da percepção ou intuição de maneira neutra, mas sim *instiga* o sujeito a aceitar o conteúdo em questão. Isto é, quando o sujeito tem uma percepção ou intuição, essa experiência instiga o sujeito a acreditar na verdade ou falsidade da proposição. Isso não quer dizer que o sujeito sempre vai acreditar na verdade ou falsidade daquilo que a pessoa é instigada, porém, quando a pessoa acredita no contrário daquilo que ela é instigada, há uma força a qual ela está resistindo. Na experiência perceptual, uma vez que uma pessoa vê uma caneca branca em sua frente, ela é instigada a acreditar que há uma caneca branca em sua frente. Na experiência intuicional, uma vez que uma pessoa intui que $\langle p, \neg\neg p \rangle$, ela é instigada a acreditar que de fato $\langle p, \neg\neg p \rangle$.

Entretanto, as intuições possuem uma característica que as percepções não têm, a saber, a valência (p. 75). Essa característica é bem simples: é apenas a capacidade de intuirmos que uma proposição é falsa. Intuímos ser falso que é moralmente *correto* torturar pessoas por diversão, porém não é o caso que perceptualmente parece que não é o caso que p . Digamos que você está diante de uma parede vermelha. E você considera a proposição \langle estou diante de uma parede branca \rangle . Parece-te *visualmente* falso que \langle estou diante de uma parede branca \rangle ? Segundo Koksvik, não.

Em suma, embora Koksvik concorde com Bengson e Chudnoff de que a intuição e a percepção são análogas e o que faz elas serem fonte de justificação seja a experiência correspondente, ele discorda de que isso tudo é o caso em virtude de elas terem a característica da apresentação. Koksvik diz que isso tudo é o caso em virtude de elas possuírem a fenomenologia da objetividade e a fenomenologia do instigamento.

3 O Desafio da Ausência de Experiência Intuicional

Embora os fenomenologistas tenham uma descrição minuciosa do que é ter fenomenologicamente uma intuição no sentido de haver uma experiência intuicional genuína, alguns filósofos alegam não encontrar essa experiência intuicional. Ou seja, apesar de eles procurarem algo quando leem, por exemplo, um

caso Gettier, eles não sentem nada que seja uma intuição no sentido que os fenomenalistas propõem.

Eu não estou ciente de nenhum parecer [*seeming*] intelectual além da minha inclinação consciente de acreditar nas proposições Gettier. Assim como eu não estou ciente de nenhum parecer intelectual além da minha inclinação consciente de acreditar na Compreensão Ingênua a qual resisto, porque sei que ela está errada. Esses paradigmas não dão nenhuma evidência dos pareceres intelectuais, se a expressão supostamente é para significar algo mais do que intuições no sentido de Lewis e van Inwagen. (WILLIAMSON, 2007, p. 216-217).

Por introspecção eu não consigo, nem com as melhores das minhas vontades, discernir um sentimento especial que acompanha a minha contemplação do axioma ingênuo da compreensão, casos Gettier e outros alegados paradigmas do intuitivo (CAPPELEN, 2012, p. 117).

Sosa (2006, p. 209) e Jason Schukraft (2016, p. 331) alegam estar na mesma situação de não encontrar esse sentimento especial que teria a experiência intuitiva.

Dado essas citações, pode-se ver que vários filósofos parecem carecer da experiência intuicional tão cara aos fenomenalistas. Como se sabe, várias pessoas alegam haver objetos de cor vermelha, azul, roxa, verde, amarela e também alegam haver objetos quadrados, redondos, triangulares. Agora imagine que algumas pessoas alegam haver tudo isso a partir de uma perspectiva de primeira pessoa, mas que elas também alegam não terem nenhuma experiência visual. Objetos com cores e objetos com formas seriam próprios da visão. Então, como as pessoas alegam haver objetos de uma certa cor e forma, mas alegam não terem experiência visual? Seria estranho não? No mínimo intrigante se não bizarro. Analogamente, parece ocorrer isso no caso das intuições. Várias pessoas alegam a partir de uma perspectiva de primeira pessoa que $\langle p, \neg p \rangle$; é moralmente incorreto torturar pessoas por diversão; se um objeto é azul, então ele é colorido, etc., mas algumas dessas mesmas pessoas alegam não ter nenhuma experiência intuicional. Proposições desse tipo parecem ser próprias da intuição. Então como as pessoas alegam que $\langle p, \neg p \rangle$, mas alegam não terem uma experiência intuicional? Esse é o desafio da ausência de experiência intuicional. Esse desafio foi bem identificado pelos fenomenalistas (cada um ao seu modo) e cada um deu uma resposta diferente.

Qual é o tipo de resposta que os fenomenalistas procuram dar aqui? O fenomenalista poderia simplesmente dar de ombros e falar: “bom, eles não têm a experiência, mas nós temos e outras pessoas também”. No entanto, essa não seria

uma resposta interessante. Um tipo de resposta pode ser dizer que essas pessoas com as supostas ausências de experiência intuicional, na verdade, estão procurando de maneira equivocada a experiência intuicional no seu fluxo de consciência. Os fenomenalistas exploram essa opção.

4 Respostas ao Desafio da Ausência de Experiência Intuicional

4.1 Bengson: Introspecção não é suficiente

Bengson (2015) acaba fornecendo uma resposta pouco minuciosa para o problema. Ele fornece seis características dos estados apresentacionais: os estados apresentacionais são sem base, graduais, fundamentalmente não voluntários, compelem assentimento ao conteúdo, racionalizam o assentimento e potencialmente não explícitos. Bengson enquadra o problema como se essa pessoa que diz não ter experiência intuicional está dizendo que ela não encontra na sua introspecção todas essas características (2015, p. 733). Então Bengson alega que apenas olhar introspectivamente para sua experiência não é o suficiente. É preciso fazer um exame minucioso de fazer distinções, fornecer explicações e avaliação de casos (*ibid.*). Que foi o que ele fez para chegar nessas seis características dos estados apresentacionais e não apenas olhar introspectivamente. Em suma, entendo Bengson dizendo que é preciso fazer filosofia para encontrar essas características.

Chamo de *desafiantes* aqueles que alegam não encontrar nenhuma experiência intuicional ao procurar algo como uma intuição no seu fluxo de consciência. Não são *todas* essas características que o Bengson ressalta dos estados apresentacionais que o desafiante está *explicitamente* procurando ao questionar pela experiência intuicional. A questão é que os desafiantes não sentem essa experiência intuicional ou sensação especial que acompanha esses casos clássicos que envolvem intuições.

4.2 Chudnoff: Resposta constitutiva

A posição de Chudnoff é de que as intuições possuem apresentacionalidade e constitutividade. Essa última significa que as intuições são experiências

constituídas por outras experiências como pensamentos conscientes e imaginação. Essa segunda característica ajuda a entender qual foi o erro dos desafiantes que não conseguiram encontrar a experiência intuicional. Chudnoff alega que ao procurar a intuição no seu fluxo de consciência, estão procurando uma experiência intuicional isolada (2013, p. 53-54). Quando, na verdade, as intuições são constituídas por outras experiências como no caso da geometria de que dois círculos podem ter no máximo dois pontos em comum. É preciso *imaginar* os círculos se cruzando e ver que eles não se tocam em mais de dois pontos. Não há intuições isoladas de outras experiências, assim como não há estátua isolada de seu material que a constitui (a argila, por exemplo, pode ser o material que constitui a estátua). O que há aqui é uma relação de *constituição* entre as intuições e outras experiências. No entanto, pode-se perguntar como essa relação ocorre. Casos comuns de constituição são casos materiais. Por exemplo, a estátua é *constituída* de argila, a jarra é *constituída* de vidro. Entretanto, como o mesmo pode ocorrer com entidades como experiências que não são materiais? Como uma experiência pode constituir outra experiência? Chudnoff (2011) dá um exemplo musical interessante de como isso pode ocorrer. Considere as seguintes experiências escritas por Chudnoff (p. 647):

E1: A soma de impressões auditivas de várias notas A, B, C.

E2: A experiência de ouvir uma melodia ABC.

Embora não tenha como existir (E2) sem (E1), (E1) é uma experiência independente de (E2). É possível ocorrer (E1) sem (E2). Deixe-me motivar melhor essa ideia. Pense no seguinte. Melodia é uma sucessão de notas ordenadas em um certo ritmo. Suponhamos que experiência (E2) seja uma melodia (ABC***)⁹ muito rápida que constitui uma música M1. Agora quero mostrar essa melodia para uma pessoa que não entende muito de música. Ela não consegue entender o que está acontecendo porque a melodia (ABC***) é uma sucessão de notas muito rápida. Para fazê-la entender, eu toco a melodia (ABC***) não como melodia (ABC***), mas como (ABC). Isto é, eu a toco lentamente. Toco tão lentamente que ela ouve apenas as notas individuais e não como a experiência (E2). Ela entende (ABC). Agora ao ser reproduzida a melodia (ABC***), ela consegue entender a melodia. A sua experiência de ouvir a melodia (ABC***) embora seja constituída por (ABC) elas são totalmente diferentes.

⁹ Suponha aqui que * represente velocidade e quanto mais *, mais rápida é a melodia.

Pense nas primeiras quatro notas da quinta sinfonia de Beethoven. Elas são em um certo ritmo que dão a experiência de ouvir a melodia das quatro primeiras notas da quinta sinfonia de Beethoven. Posso tocá-las individual e lentamente em que você terá a soma de impressões auditivas das primeiras quatro notas da quinta sinfonia de Beethoven, mas não será a mesma experiência de ouvir a melodia no seu ritmo original. Aqui há um caso de uma experiência ser constituída de outra experiência: a saber, uma melodia (uma experiência) é constituída de uma soma de impressões auditivas (outra experiência) embora elas não sejam as mesmas. Assim como ocorre no caso material (uma jarra pode ser constituída de vidro embora a jarra e o vidro não sejam a mesma coisa) ocorre também no caso intuitivo (uma intuição pode ser constituída de imaginação embora intuição e imaginação não sejam a mesma coisa). Para mais informações sobre a relação de constituição defendida por Chudnoff, ver em Chudnoff (2013, p. 55).

Koksvik (2017, p. 5) lança uma crítica interessante à resposta ao desafio da ausência de experiência intuicional de Chudnoff. As experiências intuicionais (i) têm uma fenomenologia compartilhada e (ii) as intuições são diferentes de outros estados mentais em virtude dessa fenomenologia compartilhada. A característica da constitutividade parece entrar em conflito com essas teses. Como que as intuições terão uma fenomenologia compartilhada se elas são constituídas por diversas outras experiências diferentes umas das outras? Isso se torna um problema maior uma vez que lembramos que é em virtude dessa fenomenologia que as intuições são fonte de justificação. O trabalho epistêmico acaba ficando muito mais difícil com essas experiências diferentes pelas quais as intuições são constituídas.

Em favor do Chudnoff, acredito que (pelo menos parte da) a resposta está na própria apresentacionalidade das intuições. Embora essa característica seja tanto compartilhada pela intuição quanto pela percepção, na intuição é apresentado ao sujeito objetos abstratos, enquanto na percepção é apresentado ao sujeito objetos concretos. O que mantém a coesão entre as diferentes combinações de experiências que as intuições têm é, não só a fenomenologia, como também ser apresentado ao sujeito os objetos abstratos aos quais as intuições se referem. Isso está conforme o que o próprio Chudnoff (2013, p. 1) fala sobre as intuições:

“(...) enquanto as percepções sensoriais pretendem, e algumas vezes conseguem, revelar como as coisas são na realidade concreta através de nos fazer sensorialmente conscientes dessa realidade, as intuições são experiências que pretendem, e algumas vezes conseguem, revelar como as coisas são na realidade abstrata através de nos fazer intuitivamente consciente dessa realidade” (*ibid.*).

O erro dos desafiantes, portanto, é tentar procurar uma experiência intuicional isolada, enquanto as experiências intuicionais são sempre constituídas de outras experiências.

4.3 Koksvik: Resposta da ausência de fenomenologia de conteúdo específico

Como foi dito, Koksvik acredita que as experiências podem fazer uma contribuição para a experiência total de pelo menos duas maneiras: atitude-específica e conteúdo-específica. Para Koksvik, as intuições não têm fenomenologia de conteúdo específico, apenas fenomenologia de atitude específica. Como ele argumenta em favor disso? Ele primeiro faz uma inferência de que intuições possuem fenomenologia de conteúdo específico somente se pensamento consciente tem fenomenologia de conteúdo específico (KOKSVIK, 2020, p. 59-60). Ele não parece fornecer razões para essa inferência, mas suponho que seja porque as intuições são experiências conscientes. Dado que pensamento consciente é um gênero ao qual intuições são uma espécie, então intuições só tem fenomenologia de conteúdo específico caso pensamento consciente também tenha fenomenologia de conteúdo específico. Não estou certo dessa interpretação, até porque ele não menciona essa relação de gênero e espécie. Porém, digamos que seja por isso que ele defende essa inferência. Por que então as intuições só tem fenomenologia de conteúdo específico se o pensamento consciente também tem fenomenologia de conteúdo específico? Porque se a crença consciente tivesse fenomenologia do conteúdo específico e a intuição não tivesse (ou vice-versa), então haveria uma perda ou ganho de complexidade fenomenal. No entanto, não há essa perda e nem ganho de uma intuição para uma crença. Logo, as intuições só tem fenomenologia de conteúdo específico, se o pensamento consciente também tem essa fenomenologia (p. 60). Dado isso, vou às razões de por que pensamento consciente não tem fenomenologia de conteúdo específico.

Como foi dito anteriormente, a percepção tem tanto fenomenologia de atitude específica quanto fenomenologia de conteúdo específico. Focando na visão, qualquer coisa que uma pessoa veja, fará uma contribuição para o caráter de sua experiência total. A visão tem essa *visualidade* em que se você ver um objeto vermelho, uma parede branca, fará uma contribuição para o caráter de sua experiência total. Por isso, a visão tem fenomenologia de atitude específica. Você ver um objeto verde fará uma contribuição diferente para o caráter de sua experiência total do que ver um objeto vermelho. A visão tem uma riqueza fenomenológica em que uma diferença entre dois objetos fará uma contribuição diferente para o caráter de sua experiência total – claro, uma diferença visualmente perceptível. Por isso, a visão tem fenomenologia de conteúdo específico.

A intuição também tem fenomenologia de atitude específica. Qualquer coisa que uma pessoa intua, fará uma contribuição para o caráter de sua experiência total. A intuição tem essa *intuicionalidade* em que se você intuir que $\langle p, \neg\neg p \rangle$; é moralmente incorreto torturar pessoas por diversão; se um objeto é azul, então ele é colorido, fará uma contribuição para o caráter de sua experiência total. No entanto, a intuição não tem fenomenologia de conteúdo específico, porque entre intuir que p e intuir que q não fará uma contribuição para o caráter da sua experiência total.

Koksvik (p. 60) nos fornece duas proposições para considerarmos:

- 1) Pensar que Brexit é um erro enorme;
- 2) Pensar que as consequências econômicas da pandemia do COVID-19 serão duradouras.

Para ele, pensar que (1) ou pensar que (2) não faz nenhuma diferença na contribuição da sua experiência total (ibid.). O mesmo ocorre com a intuição: intuir que p não faz uma contribuição para o caráter da sua experiência total diferente de intuir que q .

Isso explica o porquê de alguns filósofos alegarem não ter a experiência intuicional (p. 63). Eles acabam procurando a coisa errada. Nos termos do Koksvik, dado que percepção tem fenomenologia de conteúdo específico (há algo como experimentar um objeto vermelho que é diferente de experimentar um objeto verde), os desafiantes tentam procurar o mesmo na intuição. Eles não vão achar isso, porque, para Koksvik, não há essa fenomenologia de conteúdo específico.

Porém, o erro dos desafiantes é alegar que não há fenomenologia nenhuma, enquanto, na verdade, há a fenomenologia de atitude específica. A resposta de Koksvik é muito engenhosa e nos auxilia a explicar a falta de riqueza na fenomenologia da intuição em comparação com a percepção. Porém tenho algumas considerações independentes a fazer.

Como foi dito, Williamson alega não ter experiência intuicional. Porém, dizer isso talvez não seja fiel ao que Williamson alega. Ele também diz (2007, p. 216-217.): “Embora intuições matemáticas possam ter uma fenomenologia rica, mesmo uma quase perceptual, por exemplo, na geometria, a aparência intelectual da proposição Gettier não é desse modo”. Pondo nos termos de Koksvik, Williamson diz detectar fenomenologia de conteúdo específico nas intuições matemáticas, mas não nas intuições Gettier. A partir disso pode-se levantar a questão de se as intuições em todo momento podem ser tratadas de maneira geral. Nado (2014), Egler & Ross (2020), Schukraft (2016) são alguns dos filósofos que apostam no tratamento mais individualizado das intuições: em vez de simplesmente investigar as intuições em geral, será importante também investigá-las em partes. Isto é, fazer uma investigação das intuições epistêmicas, morais, matemáticas, lógicas, metafísicas e assim por diante. Talvez intuir que $2 + 2 = 4$ e intuir que $3 + 3 = 6$ não possuam diferença fenomenológica, mas intuir que é moralmente incorreto torturar pessoas por diversão possui uma diferença fenomenológica comparada com intuir que $2 + 2 = 4$ ¹⁰.

A outra consideração é sobre se realmente não temos fenomenologia de conteúdo específico. Se não há fenomenologia de conteúdo específico, como consigo distinguir que estou pensando em p e não q? Esse argumento é levantado anteriormente por David Pitt (2004), hoje em dia conhecido como argumento da cognoscibilidade ou argumento do autoconhecimento. A única explicação de por que consigo distinguir que agora estou pensando em p e não em q, é que o nosso

¹⁰ É importante ressaltar que esses filósofos não defendem que, uma vez que há uma diferença entre os tipos de intuições, essas diferenças precisam ser fenomenológicas. Essas diferenças podem ser apenas de origem psicológica (como Nado (2014) defende). No entanto, meu ponto é de que como diferentes tipos de intuições podem ter tratamentos diferentes, diferentes intuições podem ter diferentes fenomenologias de conteúdo específico (ou mesmo não ter em um caso e ter em outros). Isso pode explicar por que o Williamson tem algo como fenomenologia de conteúdo específico para intuições matemática, mas não para as intuições Gettier. Agradeço ao parecerista anônimo pela sugestão.

pensamento possui fenomenologia de conteúdo específico. Há algo como intuir que p que difere de intuir que q .

Koksvik responde dizendo que a diferença entre pensar que p e pensar que q não é em termos de conteúdo, mas sim uma diferença na experiência total. As experiências totais, diz Koksvik, possuem riqueza e fluxo (KOKSVIK, 2020, p. 61-62). A primeira noção quer dizer que quando temos uma experiência, ela vem acompanhada de várias outras experiências locais (lembranças, emoções, imaginações, etc.). A segunda noção quer dizer que essas outras experiências são evanescentes, elas vêm e vão. Com essas duas noções em mãos, Koksvik alega que embora não haja diferença entre pensar que p e pensar q , há diferença fenomenal total entre esses dois pensamentos. Quando você considera se é moralmente incorreto torturar pessoas por diversão, ocorrem diferentes experiências (lembranças, emoções, imaginações, etc.) de quando você considera $\langle \neg\neg p, p \rangle$.

No entanto, como essas diferentes lembranças, emoções, imaginações, etc. ocorrem se não há diferença fenomenal local entre p e q ? Precisa haver uma diferença entre intuir que p e intuir que q para haver diferentes lembranças, emoções, imaginações, etc. Senão porque uma pessoa teria uma certa lembrança ao intuir que p e outra lembrança ao intuir que q ? A melhor explicação parece ser de que há uma diferença em intuir que p e intuir que q .

Conclusão

Algumas pessoas como Cappelen, Schukraft, Sosa e Williamson alegam não terem experiência intuicional. No entanto, proposições do tipo $\langle p, \neg\neg p \rangle$; é moralmente incorreto torturar pessoas por diversão; se um objeto é azul, então ele é colorido; são próprias da intuição. Como responder ao desafio de explicar essa *suposta* ausência de experiência intuicional? Os fenomenalistas visam dar uma resposta de que os desafiantes estão procurando de modo errado a experiência intuicional. Três respostas foram dadas: (i) a introspecção não é suficiente, (ii) as intuições são constituídas de outras experiências e (iii) a ausência de fenomenologia de conteúdo específico. Elas todas são promissoras, mas não sem os seus percalços. Este artigo não visou dar uma resposta definitiva àqueles que alegam não ter experiências, mas tentou dar um apanhado (espero que exaustivo) das respostas

disponíveis na literatura contra os desafiantes. Essa literatura é recente e vem crescendo lentamente. No entanto, espero que a mera resposta introspectiva de que “não possuo intuições” tenha perdido a força diante das respostas dos fenomenalistas. É preciso mais do que isso, é preciso saber o que se está procurando.

Referências

BEALER, George. *Intuition and the Autonomy of Philosophy*. In: DEPAUL, Michael; RAMSEY, William (Org.). *Rethinking Intuition: The Psychology of Intuition and Its Role in Philosophical Inquiry*, Lanham, Maryland: Rowman and Littlefield, 1998, p. 201-240.

BEALER, George. The Incoherence of Empiricism. *Aristotelian Society Supplementary Volume*, v. 66, n. 1, p. 99–144, 1992.

BENGSON, John. The Intellectual Given. *Mind*, v. 124, n. 495, p. 707–760, 2015.
BOOTH, Anthony Robert; ROWBOTTOM, Darrell P. *Intuitions*. Oxford: Oxford University Press, 2014.

CAPPELEN, Herman. *Philosophy without intuitions*. 1st ed. Oxford: Oxford University Press, 2012.

CHUDNOFF, Elijah. *Intuition*. Oxford, United Kingdom; New York, NY: Oxford University Press, 2013.

CHUDNOFF, Elijah. What Intuitions Are Like. *Philosophy and Phenomenological Research*, v. 82, n. 3, p. 625–654, 2011.

DEUTSCH, Max. *The myth of the intuitive: experimental philosophy and philosophical method*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, a Bradford Book, 2015.

DEPAUL, Michael; RAMSEY, William (Org.), *Rethinking Intuition: The Psychology of Intuition and Its Role in Philosophical Inquiry*. Lanham, MD: Rowman and Littlefield, 1998.

EARLENBAUGH, Joshua; MOLYNEUX, Bernard. Intuitions are inclinations to believe. *Philosophical Studies*, v. 145, n. 1, p. 89–109, 2009.

EGLER, Miguel. The Problem of Intuitive Presence. *Philosophers' Imprint*, v. 22, n. 0, 2022.

EGLER, Miguel; ROSS, Lewis D. Philosophical expertise under the microscope. *Synthese*, v. 197, n. 3, p. 1077–1098, 2020.

GOLDMAN, Alvin., Philosophical Intuitions: Their Target, Their Source, and Their Epistemic Status. *Grazer Philosophische Studien* v.74, p. 1–26, 2007.

GREENOUGH, Patrick; LYNCH, Michael P. (Org.). *Truth and Realism*, Oxford: Oxford University Press. 2006.

HUEMER, Michael. *Ethical intuitionism*. Basingstoke [England]; New York: Palgrave Macmillan, 2005.

HUEMER, Michael. *Skepticism and the veil of perception*. Lanham, Md: Rowman & Littlefield Publishers, 2001.

JENKINS, C. S. I. Intuition, ‘Intuition’, Concepts and the A Priori. In: BOOTH, Anthony Robert; ROWBOTTOM, Darrell P. *Intuitions*. Oxford: Oxford University Press, 2014, p. 91-118.

KOKSVIK, Ole. *Intuition as Conscious Experience*. 1. ed. [s.l.]: Routledge, 2020.
KOKSVIK, Ole. The phenomenology of intuition. *Philosophy Compass*, v. 12, n. 1, p. e12387, 2017.

LEWIS, David. *Philosophical Papers: Volume I*, New York: Oxford University Press. 1983.

MACHERY, Edouard. *Philosophy Within Its Proper Bounds*. Oxford: Oxford University Press, 2017.

NADO, Jennifer. Why Intuition? *Philosophy and Phenomenological Research*, v. 89, n. 1, p. 15–41, 2014.

PITT, David. The phenomenology of cognition, or, what is it like to think that P? *Philosophy and Phenomenological Research*, v. 69, n. 1, p. 1–36, 2004.

SCHUKRAFT, Jason. Carving Intuition at its Joints. *Metaphilosophy*, v. 47, n. 3, p. 326–352, 2016.

SOSA, Ernest. Minimal Intuition. In: DEPAUL, Michael; RAMSEY, William (Org.), *Rethinking Intuition: The Psychology of Intuition and Its Role in Philosophical Inquiry*. Lanham, MD: Rowman and Littlefield. 1998, p. 257–270.

SOSA, Ernest. Intuitions and Truth. In: Patrick Greenough and Michael P. Lynch (Org.). *Truth and Realism*. Oxford: Oxford University Press. 2006, p. 208-226.

SOSA, Ernest. Intuitions: Their Nature and Epistemic Efficacy, *Grazer Philosophische Studien*, v. 74 p. 51–67, 2007.

WEINBERG, Jonathan M. How to Challenge Intuitions Empirically Without Risking Skepticism. *Midwest Studies in Philosophy*, v. 31, n. 1, p. 318–343, 2007.

WEINBERG, Jonathan M; NICHOLS, Shaun; STICH, Stephen. Normativity and Epistemic Intuitions. *Philosophical Topics*, 29(1–2): 429–460, 2001.

WILLIAMSON, Timothy. *The philosophy of philosophy*. Malden, MA: Blackwell Pub, 2007.

Recebido em: 30 /09/2023.

Aprovado em: 20/11/2023.

Publicado em: 14/12/2023.